

LETRAS E LETRADOS 6

O Dia – 04 de agosto de 1937.

Djaciir Menezes – O OUTRO NORDESTE (Formação Social do Nordeste)
Livraria José Olympio Editora

Foi o sr. José Américo de Almeida quem, há mais ou menos dez anos, trouxe como material de investigação social da formação brasileira o estudo do nordeste e do elemento nordestino. “Bagaceira”, queiram ou não queiram os seus detratores, foi um livro que ficou, que aí está desafiando o juízo crítico dos “donos” da cultura nacional.

O romance é, à primeira forma, de interpretação da realidade. Por ele chegamos às minúcias do espírito e da vida. Haverá, por certo, muita gente arrepiada ao ler esse livro tão simples, tão contundente, tão belo nas suas expressões magníficas da existência. O mérito de “Bagaceira” está em ser coisa absolutamente nova, no longo tempo de nossa história literária. Ao lado dos “Corumbás” do sr. Amando Fontes (verdadeira tentativa de interpretação das ânsias humanas das populações pobres das nossas cidades), o “Bagaceira” é a imagem que se evoca em noites sonolentas do homem forte do nordeste em luta contra o meio agreste, contra a falta de trabalho, contra os elementos de uma sociedade decadente, tentando abafá-lo em sua vontade irrefreável, instintiva mais que racional, de fazer a sua vida, viver a sua vida, de ser brasileiro, dentro daquele solo cheirando a sol que é o Brasil quente, sensual, moreno, ardendo em febre tropical.

A nossa realidade é aquela que sentimentos dentro em nossa alma sonhadora. Embalado em tristezas, ouvindo o palpitar da terra, as vozes estranhas do espírito das florestas, o curupira descendo do sertão misterioso, é o que temos de nós na vida inquieta do nosso homem. O caapora acendendo o seu fogo no mato seco, chamando para a oração o caboclo rústico na volta do seu trabalho, é a mística nacional, é a alma em chamas da pátria livre.

O sr. José Américo foi o verdadeiro iniciador desse movimento de volta ao Brasil, de volta à terra, podemos dizer: tudo quanto surgiu após esse livro notável traz a preocupação nativa. São os romances do sr. Jorge Amado, o retrospectismo histórico do sr. José Lins do Rego, aquele quieto e nervoso romance que é o “Caminho de Pedras” da sra. Rachel de Queiroz. Em tudo se agita a alma da Pátria. Queremos penetrar o cerne da nacionalidade, traduzir o sentir do povo, exteriorizar o determinismo cósmico que nos embala para o futuro.

No campo das investigações sociais, das experiências políticas e históricas, os livros de Alberto Torres desvendaram horizontes largos à inteligência penetrante do sr. Oliveira Vianna. Fizemos história social e política do Brasil. A obra de penetração, porém, só agora vem nascendo, com mais ardor, entusiasmo, vontade de revelação.

O sr. Gilberto Freyre é também um desses pioneiros admiráveis. Não somos daqueles que o isentamos de crítica. Muito pelo contrário. No grande material científico que nos trouxe, já o dissemos, não poucas vezes, há falta de uma metodologia científica orientadora. De vez em quando, queremos crer que ele seja unicamente, sem mais nem menos, um cronista do passado. A idéia, porém, não pega. Se o sr. Gilberto Freyre, como nesse último “Nordeste”, pouca importância liga em dar forma à sua exposição, por outro lado, os elementos que vem oferecendo à história do Brasil, depois de longas pesquisas históricas, merece o nosso aplauso e a nossa incontida admiração. Disseram já, e se não me engano foi aquela revista “Fronteiras” do sr. Manoel Lubambo do Recife, que o “Casa Grande & Senzala”, “assemelhava-se a uma grande casa desarrumada”. As curiosidades são tantas, as descobertas que fazemos são tão inúmeras, tantas são as riquezas que se nos deparam, que a desordem ambiente pouco nos interessa. Queremos mexer, tocar com a

mão aquelas coisas preciosas, sentir a sombra maravilhosa do ambiente que nos rodeia. Outro que aí vem é o sr. Djacir Menezes. Nortista do recôncavo como o sr. Gilberto Freyre, há muito que já era nosso conhecido, mas somente em matéria pedagógica. Em conversa que mantivemos com o sr. Pontes de Miranda, lá pelos meados do ano de 1934, tendo em mão um número da “Revista Nacional” em que publicava um curioso trabalho do sr. Djacir, “Intuição da Lógica Matemática”, o culto mestre sergipano não mediu palavras quando tratou do autor do “Outro Nordeste”. Todos nós sabemos qual seja o conceito do professor Pontes de Miranda, na Alemanha e aqui na América, entre todos aqueles que se dedicam ao estudo da Sociologia, da Filosofia Jurídica e do Direito.

Este último estudo do sr. Djacir, para maior gáudio nosso, vem demonstrar que espécie de discípulo é, do sr. Pontes de Miranda. Recolhendo o resultado dos seus estudos sociais e jurídicos, trazendo para o campo das cogitações intelectivas o produto das investigações do sr. Pontes, o autor do “Problema da Realidade Objetiva”, fez do “Outro Nordeste” um manual de pura sociologia. Não joga quase nada com os elementos fornecidos pela história. Os postulados científicos, bem como as leis sociológicas já aceitas e reveladas, dão segura orientação ao seu estudo. Começa “Outro Nordeste” preparando terreno para compreensão mais nítida do que se vai ler. A pesquisa objetiva dos fatos, a natureza social e biológica do homem, a intervenção científica na sociedade, trazem a constituição científica da sociologia e são ao mesmo tempo elementos aos quais nos apegamos para um possível trabalho interpretativo. O tipo de vida e o meio físico, alimentação, trabalho e aclimação, regime alimentar e aspecto fisiográfico do nordeste, as condições sociológicas do nordeste, com a série de lutas econômicas e a miscigenação, a biotipologia e o ciclomotismo do sertanejo nordestino caracterizam em essência o trabalho do sr. Djacir Menezes. Vem da natureza dos fatos até a realidade histórica do passado.

Todo aquele que procura no livro o prazer de um estudo prático e objetivo terá nesse trabalho do sr. Djacir Menezes o que mais lhe convém. Traz uma bela lição de grande honestidade intelectual, de conhecimentos justos, de inteligência aberta para a vida. Dois defeitos de origem, porém, traz consigo: a rapidez com

que tocou em assuntos que não cabem em uma simples folha de papel e muita citação de nomes cuja responsabilidade intelectual e científica é bastante duvidosa.

Marques da Cruz – A VIRGEM DE FÁTIMA

Comp. Melhoramentos de S. Paulo

No dia 13 de outubro do ano de 1917, trazia Portugal para a glória do mundo cristão o milagre da Serra d’Aire, o milagre de Fátima. Peregrinos inúmeros atravessam inquietos o Vale-do-Lis. Villa Nova de Ourém, Leiria, Reixida e Amoreira, regiões inteiras tomadas de peregrinos. Todos queriam sentir de perto o milagre da virgem que a perseguição divinizara. Era Fátima que abria os braços à fé portuguesa, a pequenina Lúcia de Jesus, entre insultos e palavras de esperança, que surgia no avermelhado de um triste horizonte político, trazendo a última palavra de fé em Deus.

Em versos harmoniosos, sentidos, com o coração virado para a Pátria lá distante, o sr. Marques da Cruz, que em S. Paulo é um dos grandes mestres da literatura, escreveu a página mais emocionante, ainda que rápida, sobre aquela que, apesar das ordens expressas do Governador Civil de Santarém, trouxe para junto de si numerosas multidões sofredoras. Portugal inteiro ainda hoje vibra ao rememorar os fatos da história triste daquela doce menina, inspirada por uma centelha divina do céu. O culto da Senhora de Fátima, para o sr. Marques da Cruz, é uma obrigação dos portugueses. Depois então da Carta Pastoral de D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, a humilde Lúcia de Jesus não deixou mais o pensamento do povo nobre d’além mar. Fátima é um símbolo!

Carlos Dante de Moraes – TRISTÃO DE ATHAYDE E OUTROS ESTUDOS – Edição da Livraria do Globo – P. Alegre

Tristão de Athayde, o grande crítico das idéias puras, é um dos poucos grandes aristocratas da inteligência. Julgador de livros, o seu prestígio tem sido para muita gente uma tábua de salvação. Espírito completo, mestre em sociologia,

entendido em matéria política, filósofo de pensamentos claros e definidos, o nosso Tristão, homem de luta e homem de fé, é um milagre neste imenso Brasil. Intérprete, entre nós, da sensibilidade proustiana, revelador aos indígenas daquele profundo Maritain, o pioneiro nosso da “Ação Social Católica”, ainda é quem dirige o pensamento livre do brasileiro. Eu imagino Tristão, lá no seu gabinete de estudos do Rio de Janeiro, ouvindo o Brasil, pregando para o Brasil, sentindo o Brasil na profundidade dos nossos ideais.

Amigo da arte, perseguidor da beleza, tonto ante as estesias produzidas pela nova natureza de todos os dias, explicador do distributismo chestertoniano, do “Servile State” de Hilaire Belloc, amigo do sertanejo Affonso Arinos, crente na fé de um Moysés Marcondes, sincero discípulo dos rigorosos métodos de combate daquele inolvidável Leon Bloy, Tristão é o homem que caminha.

O seu reacionarismo sociológico é uma revolução total partindo do infinito e tocando ao finito, tendo como ponto inicial o ilimitado e tocando o limitado. “A obra sociológica de Tristão constitui, antes de tudo, uma reação espiritual, no sulco profundo da nova corrente católica, ao que ele denominou, em certa passagem, hipertrofia do concreto, revide necessário a esse predomínio do fato material que veio a tudo avassalando com o naturalismo”, como diria o estudioso observador de sua obra que é o sr. Carlos Dante de Moraes.

Em síntese, dois ensaios em que se estuda a figura e a obra de Tristão, pela lucidez interpretativa e pela profundidade de conceitos, merecem aprumo junto à obra do mestre. Um deles é desse grande morto Ronald de Carvalho. Estudo paciente, cheio de poesia, carregado de conhecimentos. Outro é de Antonio de Alcântara Machado, o contista falecido de “Mana Maria”, a quem Tristão ofereceu as credenciais de grande escritor. Penetrante, de escalpelo em punho, Antonio de Alcântara Machado, mais um poeta das “ciências” como era, definiu em termos claros o “complexo humano” de Tristão de Athayde.

O sr. Agrippino Grieco, em “Gente Nova do Brasil”, dedicou também algumas páginas de real conhecimento ao belo espírito do orientador do pensamento cristão na América. O sr. Agrippino, porém, como o sabemos, é

crítico de arte, conhecedor de coisas da literatura, que é onde sua autoridade se vantagem e onde lhe reconhecemos insofismável valor, onde mesmo ele se coloca entre esses “maiores”, como Tristão e outros. O trabalho do sr. Agrippino, por isso mesmo, é comparativo, de situar Tristão entre aqueles que por aqui fazem alguma coisa pelo prestígio da inteligência. “Debaixo da sua armadura erudita, que coração honesto e quase infantil! Move-o uma tirânica necessidade de pensar, de escrever, de agir, e mete o dente em certos livros com a tenacidade dos gusanos que, segundo diz, roem até trilhos de aço. Metódico desde as poucas semanas em que exerceu a advocacia, não prosseguindo porque o ambiente policial e forense lhe inspirou náuseas invencíveis, não lhes faltam aspectos de ternura, de plena afetividade. Esse espiritualista, em quem tudo se transmuda em valor cristão, amou Affonso Arinos pela sua inconfundível bondade brasileira, e não esquecerei jamais a delicadeza com que me falou certa vez do seu antigo professor Silva Ramos”. Eis a palavra do sr. Agrippino Grieco.

O sr. Carlos Dante de Moraes, o que escreveu, tentando sentir aquele memorável momento de opção entre a verdade e a mentira que caracterizou a fortaleza de espírito e alma de escritor, a luta metafísica e moral, o debate veemente entre os impulsos que se contrariam e repelem, deu-nos a parte melhor do seu livrinho. Mais preocupado, no entretanto, com o largar amarras para um porto ideal desconhecido, deixou de lado, nessa luta trágica de opção, onde as ilusões procuram refrear os nossos ímpetus para a realidade objetiva dos fatos e das coisas, o homem tal qual ele é, e que foi quase o motivo do ensaio de Antonio de Alcântara Machado.

Não sei das tendências do sr. Carlos Dante de Moraes. Esse livrinho, porém, o define um homem de inteligência limpa. Pena que certos pedaços não fossem mais claros, que não tentasse se achegar mais perto do homem para do homem poder falar. A trajetória do espírito de Tristão não se fixa em tão poucas páginas. O mérito incontestável do sr. Dante de Moraes, sem dúvida, está na história rápida e incisiva, que faz da obra notável de Tristão de Athayde isso sem mais pretensões.

As demais partes do livro não satisfazem a nossa curiosidade. O ensaio “Tristeza de Anto”, sobre o poeta Antonio Nobre e a tristeza lusitana, traz algumas

páginas apreciáveis. Antonio Nobre carregou consigo as ânsias milenárias do povo português. O “Só” é uma verdadeira reação espiritual em um mundo totalmente invadido pelo pragmatismo utilitarista. Depois, sentindo-se isolado, abandonado, “ele começa a existir unicamente para a doença”. Era poeta!